

Sobre Gillone, Daniela (org.).

Limite, o filme de Mário Peixoto

Coleção cinema brasileiro, vol II.

São Paulo: Três Artes, 2015, 98 pp.,

ISBN 978-85-5670-002-5. Disponível em:

www.colecaocinemabrasileiro.com/limite

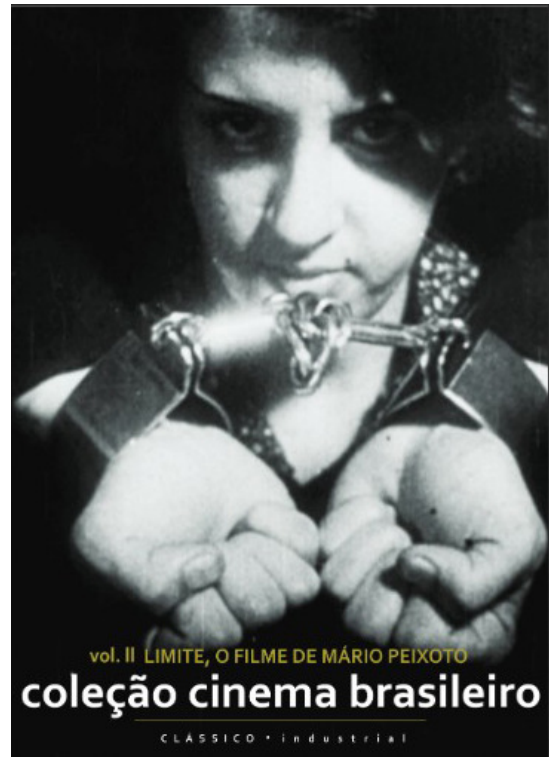
Palmireno Neto*

Pois o que é um livro em si mesmo? Um livro é um objeto físico em um mundo de objetos físicos. É um conjunto de símbolos mortos. A definição é de Jorge Luis

Borges e foi expressa em uma palestra

apresentada na Universidade de Harvard no final da década de 60. Para o escritor argentino, caberia ao leitor dar vida às palavras.¹ Considerando o conjunto de símbolos reunidos por Daniela Gillone em *Limite, o filme de Mário Peixoto*, segundo volume da *Coleção cinema brasileiro: clássico – industrial*, a afirmação de Borges pode ser confirmada e ampliada.

Por meio de diferentes olhares, a publicação apresenta os contornos míticos da única obra cinematográfica concluída por Mário Peixoto, eleita em enquetes da Cinemateca Brasileira e da Folha de São Paulo o melhor filme brasileiro já realizado. Lançado em 1931, *Limite* foi exibido pela primeira vez em uma sessão matinal no Cinema Capitólio, no centro do Rio de Janeiro, promovida pelo Chaplin Club, um cineclube brasileiro fundado em 1928 por Plínio Sússekind Rocha, Octávio de Faria, Almir Castro e Cláudio Mello. Foi uma sessão única, possibilitada pelo aluguel da sala e por uma carta de fiança que garantia o ressarcimento do exibidor caso o Capitólio fosse danificado pelo público.



¹“For what is a book in itself? A book is a physical object in a world of physical objects. It is a set of dead symbols.” BORGES, Jorge Luis. *This craft of verse*. Cambridge: Harvard University Press, p. 4.

Contrariando as expectativas de Mário, que previa uma grande aceitação ao filme, *Limite* não entrou em circuito comercial.

A partir de então, foi projetado apenas em sessões especiais, uma delas organizada por Vinicius de Moraes em 1942. Orson Welles, que viera ao Brasil para realizar *It's all true*, era um dos espectadores. No entanto, a sessão mais importante do filme, aquela que decidiu o seu destino, foi preparada por Plínio Süssekind Rocha no início da década de 1950 na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro. Na cabine de projeção, estavam Mário Peixoto, Edgar Brasil (o fotógrafo do filme), Brutus Pedreira (responsável pela trilha sonora) e Plínio, agora catedrático da instituição, onde ministrava a disciplinas “Mecânica Celeste” e “Física Matemática”. Na plateia, Saulo Pereira de Mello, um aluno matriculado no curso de Física da faculdade, assistiu a *Limite* (um filme sobre o qual pouco sabia) a convite de uma “quase namorada” estudante de Letras.

O vínculo estabelecido entre Saulo e o filme (convergência que, a partir dessa sessão, se tornou cada vez mais íntima) é o ponto de partida de “Um lugar sem limites”, ensaio de José Carlos Avellar incluído na coletânea organizada por Daniela Gillone: “Ver *Limite*, hoje, é ver o filme através dos olhos de Saulo. Mesmo Mário Peixoto, o realizador, mesmo ele, é bem possível, depois de Saulo, passou a ver o filme que fez através dos olhos deste seu espectador essencial. Parece exagero dizer assim (Saulo seria o primeiro a protestar e garantir: exagero e dos grandes). Mas não é.”² Avellar tem razão. Ainda durante a década de 1950, Saulo, aluno de Plínio Süssekind Rocha, foi “intimado” pelo professor a participar da restauração do filme, cujo suporte de nitrato de celulose apresentava sinais avançados de deterioração: “Você acha que *Limite* pode desaparecer? Topas fazer algo pelo filme?” A concordância de Saulo definiu a sua trajetória (e a de *Limite*) nos anos seguintes.

Em 1959, Plínio organizou a última sessão do filme na Faculdade Nacional de Filosofia. As péssimas condições da cópia, a última existente, impediram a realização de novas exhibições. A partir de então, começaria a “saga” pela preservação de *Limite*. Saulo, que

² AVELLAR, José Carlos. “Um lugar sem limites”. In: GILLONE, Daniela (org.). *Limite: o filme de Mário Peixoto*. São Paulo: Três Artes, 2015, p. 38. Disponível em: <http://www.colecaocinemabrasileiro.com/limite>.

conheceu Mário Peixoto ao acompanhar Plínio até o apartamento do cineasta para buscar as latas do filme e iniciar a tentativa de restauração, dedicou mais de dez anos a essa tarefa. De certo modo, o jovem físico se tornou assim o “guardião” de *Limite*, finalmente reapresentado na Sala Funarte, no Rio de Janeiro, em 1978. Nesse interstício, o filme, cuja própria existência começava a ser questionada, permaneceu nas mãos de Saulo e no imaginário de cineastas e críticos, motivando inclusive uma viagem de Georges Sadoul ao Rio apenas para assisti-lo.³

Alguns desses episódios, que hoje fazem parte do “mito” construído em torno de *Limite*, são narrados por José Carlos Avellar para demonstrar a indissociabilidade entre Saulo e o filme, identificação confirmada pela dedicação de Saulo ao estudo de *Limite*, à preservação de documentação correlata e à publicação de diversos trabalhos a respeito da obra de Mário Peixoto: “[...] por tudo isso, *Limite*, hoje, na tela, é uma espécie de fusão: o filme é não só ele mesmo mais o mito criado em torno dele, é também ele mesmo mais seu espectador essencial.”⁴

A fusão sugerida por Avellar pode ser melhor compreendida se estendermos ao cinema a proposição de Borges sobre o livro e a leitura. Consideradas as questões inerentes a todo processo de restauração (procedimento que implica a tentativa de emulação de um estado ideal), a recuperação de um filme, ainda que orientada por critérios técnicos, inscreve na própria obra sinais do gesto de reparação. Assim, o trabalho de Saulo, atravessado pelo desejo de restituir a sua experiência como espectador, legaria inevitavelmente marcas ao filme, signos que passariam a compor o “conjunto de

³ No entanto, devido ao estágio do processo de restauro, o crítico francês não pôde ver aquela que chamou de “obra-prima desconhecida”.

⁴ AVELLAR, José Carlos. “Um lugar sem limites”. In: GILLONE, Daniela (org.). *Limite: o filme de Mário Peixoto*. São Paulo: Três Artes, 2015, p. 44. A atividade crítica de Saulo está diretamente ligada à tarefa de restauração do filme. Ainda em 1978, ano da exibição na Sala Funarte, ele publica o “mapa de *Limite*”, um roteiro visual e literário da obra. Concebido inicialmente como um instrumento para o trabalho de restauro, o mapa se tornou uma ferramenta fundamental para os estudos sobre o filme realizados por Saulo nos anos seguintes. Cf. MELLO, Saulo Pereira de. *Limite: filme de Mário Peixoto*. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

símbolos mortos” ao qual atribuímos o nome *Limite*.⁵ Além disso, dificilmente o olhar de Saulo não estará presente na “leitura” do filme realizada por um espectador atual mais interessado. Uma rápida consulta à fortuna crítica de Mário Peixoto indica que a maioria dos estudos contemporâneos sobre *Limite* foi tocada, em algum ponto, pela interpretação do “espectador essencial” do filme. Um dos mais relevantes resultados da incessante prática hermenêutica desenvolvida por Saulo é “Limite: angústia”, presente na coletânea organizada por Daniela Gillone.

Definindo *Limite* como uma “tragédia cósmica”, “um grito de angústia”, “uma lancinante meditação sobre a limitação humana”, “uma dolorosa e gelada constatação da derrota humana”, Saulo Pereira de Mello reconhece no filme a expressão de uma visão de mundo dilacerada por uma aporia fundamental: a impossibilidade de atuação em um universo circunscrito pelo tempo. A radicalidade da anulação da vontade humana, exposta na situação dos três naufragos que de modo gradativo cedem às forças externas, reverberaria em cada fragmento do filme: “Limite é a representação perfeita, no particular – em um filme – dessa tragédia cósmica universal. No detalhe, vemos todo um mundo; numa expressão, toda uma vida; numa cerca, a tragédia; num reflexo de água, a morte. Nenhum filme conseguiu isso com tanta força, clareza e completude.”⁶

O problema da predominância do lírico em *Limite* também é tratado no ensaio. Esse aspecto, que evoca a singularidade do filme, seria determinado pela duração e pelo modo de intercalação dos planos: “*Limite* não é um filme narrativo. Suas histórias são muito simples e esquemáticas. Não é em função delas que o filme se constrói, mas no plano

⁵ Uma dessas marcas pode ser entrevista em um relato de Glauber Rocha: “Uma vez perguntei como ia a coisa e ele [Saulo] seriamente me respondeu que ‘os laboratórios não conseguiam uma gama igual aos originais de Edgar Brasil e por isso acreditava ser impossível fazer o contratipo no Brasil; estava pensando em tentar laboratórios estrangeiros’ – adverti que, se houvesse demora, os negativos poderiam ficar totalmente perdidos. Saulo me respondeu, com extrema gravidade: ‘É melhor que se perca; um contratipo com gamas de luz diferentes dos originais não seria *Limite*: é um filme puramente sensorial, sua percepção está fundada sobre ritmo e luz!’ ROCHA, Glauber. “O mito *Limite*”. In: *Revisão crítica do cinema brasileiro*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 57. Além de insistir no rigor técnico, Saulo precisaria contrariar o desejo de Mário de refilmar uma cena que não pôde ser recuperada: “Você está querendo que eu coloque braços na Vênus de Milo”, refutou.

⁶ MELLO, Saulo Pereira de. “Limite: angústia”. In: GILLONE, Daniela (org.). *Limite: o filme de Mário Peixoto*. São Paulo: Três Artes, 2015, p. 26. Disponível em: <http://www.colecaocinemabrasileiro.com/limite>.

visual e rítmico. É aí que está a sua chave: as imagens geradas pelo tema só têm sentido no ritmo dado pela montagem.”⁷ Estabelecida a narratividade circunstancial de *Limite*, característica que demanda uma redefinição das expectativas em relação à obra, Saulo tenta descrever, “com o instrumento inadequado das palavras”, “o que *Limite* é”.⁸

Há ainda no livro organizado por Daniela Gillone quatro ensaios que ampliam o debate a respeito do filme. A “tragédia cósmica” referida por Saulo também é abordada em “O homem, o mar, o tempo”, de Paulo Ricardo de Almeida, e “À beira do tempo”, de Patrícia Vaz, que descobre na montagem de *Limite* uma resposta à corrosividade do fluxo temporal: “Os ciclos constantes na narrativa – ora pelos seus *flashbacks* e cenas repetidas, ora pelos elementos de rigidez e flexibilidade que nos guiam através de uma percepção de transitoriedade – nos revelam uma tentativa de lidar com o tempo, com as marcas deixadas por ele, nas vidas, nos corpos e nos objetos.”⁹ Por sua vez, Geraldo Blay Roizman, em “Sobre a imagética de Mário Peixoto”, ressalta como a reflexão de Mário sobre a temporalidade persiste em *O inútil de cada um*, romance publicado pelo cineasta em 1934 e reescrito ao longo da sua vida. Já “O céu é *Limite*”, assinado por Ciro Inácio Marcondes, traça o percurso de *Limite* até a segunda restauração do filme, realizada pela Cinemateca Brasileira em parceria com a World Cinema Foundation.

Por fim, é notável a disponibilização de *Limite, o filme de Mário Peixoto* em um formato voltado para pessoas com deficiência visual. Através da audiodescrição, um outro modo de “ressuscitar a palavra”, os responsáveis pela publicação tornam a discussão sobre o filme acessível àqueles que não podem acompanhá-la pelo método tradicional de leitura.

Referências bibliográficas

- BORGES, Jorge Luis. *This craft of verse*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
GILLONE, Daniela (org.). *Limite: o filme de Mário Peixoto*. São Paulo: Três Artes, 2015.
Disponível em: <http://www.colecaocinemabrasileiro.com/limite>

⁷ *Ibid.*

⁸ *Ibid.*

⁹ VAZ, Patrícia. “À beira do tempo”. In: GILLONE, Daniela (org.). *Limite: o filme de Mário Peixoto*. São Paulo: Três Artes, 2015, p. 53.

MELLO, Saulo Pereira de. *Limite: filme de Mário Peixoto*. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

ROCHA, Glauber. “O mito *Limite*”. In: *Revisão crítica do cinema brasileiro*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, pp. 57-67.

Fecha de recepción: 25 de junio de 2016

Fecha de aceptación: 16 de octubre de 2016

Para citar esta reseña:

NETO, Palmireno. “Sobre Gillone, Daniela (org.). *Limite, o filme de Mário Peixoto*”, *Vivomatografías. Revista de estudios sobre precine y cine silente en Latinoamérica*, n. 2, diciembre de 2016, pp. 325-330.
Disponibile en: < <http://www.vivomatografias.com/index.php/vmfs/article/view/85>> [Acceso dd.mm.aaaa].

* **Palmireno Neto** é pesquisador do Arquivo Mário Peixoto. É pós-graduado em Cinema Documentário (FGV-RJ) e mestre em Literatura Comparada (UFRJ). Dirigiu o ensaio fílmico *O ato de criação* (Brasil, 2014). E-mail: palmireno.neto@gmail.com